

A construção da memória social sobre a escravidão nos museus brasileiros: patrimônio, identidade e historiografia em debate.

Janaina Cardoso de Mello
Doutora em História Social (UFRJ)
Professora Assistente na UFS

A agenda pública pleiteada pela sociedade civil tem focado intensamente a luta pelo reconhecimento do espaço de diversas memórias. Assim, a noção de “museu” como seus valores e narrativas, é questionada em prol de uma maior pluralidade e democratização. Contudo, os museus históricos mostram-se, em geral, impermeáveis aos questionamentos sobre os usos e abusos do passado, reforçando narrativas cronológicas, pautadas em esquecimentos deliberados sobre períodos de negociação, conflito e ruptura. Após as comemorações do centenário da abolição da escravidão (1988), o assunto arte afro-brasileira foi muito discutido, gerando várias publicações, mas no início do século XX, a matéria não era comum. A abordagem da escravidão nos museus necessita estabelecer um diálogo sobre os sentidos e as marcas legadas pela escravidão na sociedade brasileira, bem como as formas de representação social e material que estas adquirem ao longo do tempo. Dessa forma, torna-se possível, desvelar os corpos dos seres humanos, em sua multiplicidade de cores, tipos de cabelos, lábios, narizes e outros atributos físicos, traduzidos em valores sociais; a associação entre estes seres humanos e experiências históricas de seus semelhantes físicos e/ ou culturais; diferentes aproximações, em múltiplas experiências históricas, entre cor, raça, direitos e poderes. Em Sergipe, região nordeste do Brasil, a mestiçagem se consolidou com a presença de portugueses e holandeses, ampliada com os indígenas já encontrados, e as populações sudanesas e bantas, a partir do século XVI, aumentando no século XVIII, se concentrando na região do Cotinguiba, área canavieira do Estado, onde se encontra o município de Laranjeiras, considerado o “Berço da Cultura Negra do Estado de Sergipe”. Em Laranjeiras localiza-se o Museu Afro-brasileiro de Sergipe no Palácio Olímpio Campos. Todavia, outras representações da cultura afro-brasileira podem ser encontradas em exposições itinerantes no Museu do Homem Sergipano em Aracajú. No museu de Aracajú, têm-se adotado como organização do acervo um fio condutor temático capaz de agregar conjuntos de uma mesma origem, não peças dispersas, mas objetos que foram recuperados num contexto definido, representando o mundo rural ou urbano, as formas de trabalho e economia, os elementos culturais e políticos presentes em distintos grupos sociais e étnicos, dentro de sua própria historicidade, permitindo a construção de um olhar etnográfico. Fernando Catroga conduz a uma reflexão importante ao analisar a relação dialética entre memória e história. Segundo o autor, uma produz a outra, não há hierarquia. Ambas operam com a seletividade, a verossimilhança, a representação e a tridimensionalidade do tempo, ou seja, com a inclusão do projeto de futuro. Mas, é necessária ainda a compreensão da fonte em sua dimensão social e histórica, refletindo sobre os sentidos de sua conservação, sua organização e seu pertencimento à instituição. No caso do museu, é preciso pensar a história das fontes, ou seja, os caminhos de seleção, aquisição, doação, preservação e exposição a que estão sujeitas. Logo, essa comunicação tem como objetivo apresentar um estudo das representações da escravidão nos museus brasileiros em seus aspectos simbólicos, políticos e culturais na perspectiva de uma educação patrimonial, com ênfase na realidade sergipana.

Palavras-chave: Museu; Memória; Escravidão; Sergipe.